

Nota sobre o conceito de "pequena burguesia política".

Mauro Luis Iasi

Precisamos aprofundar entre nós a discussão sobre a caracterização do governo e suas determinações de classe. Tenho trabalhado com a categoria de **pequena burguesia política** e explico porque. Vários autores, como o Chico de Oliveira, trabalha com a idéia de que se formou uma nova classe, ou mais precisamente, um novo setor da burguesia financeira baseado na administração dos fundos de pensão. Não concordo com esta apreciação por dois motivos fundamentais: a) estamos em um grau de desenvolvimento monopolista e imperialista e, portanto, não há vagas na burguesia monopolista no atual grau de concentração e centralização dos meios de produção; b) esta caracterização desloca o sistema financeiro para a centralidade do sistema e despreza a propriedade real dos meios de produção monopolizados dando autonomia a um setor que ele de fato não tem.

Outros ainda, numa outra visão, vêem o governo como sendo uma frente de centro esquerda atribuindo ao PT e ao governo Lula um caráter de aliança entre os trabalhadores (representados pelo PT) e setores da burguesia progressista contrária ao eixo neoliberal. Ora, acredito que houve um descolamento da representação em relação à classe que um dia se viu representada por esta alternativa partidária. Este descolamento produziu uma burocracia, extremamente forte politicamente e mesmo com certo grau de controle de recursos econômicos, mas que não faz dela um setor de classe da burguesia, mas exatamente isso, uma burocracia partidária e sindical que ocupa posições de poder na ordem institucional, inclusive na máquina governamental.

Como caracterizá-la? Descolou-se politicamente da classe trabalhadora (classe que é a origem pessoal de várias das figuras centrais do governo inclusive do presidente) sem que tenha composto a burguesia como um setor específico. Seu campo de ação e suas bases de poder (político, social e econômico) advém do controle de espaços políticos de representação passiva (sindicatos, centrais, partidos, mandatos e cargos administrativos), por isso o termo "pequena burguesia política".

A base teórica para esta caracterização esta no 18 Brumário de Marx. Vejam:

"Contra a burguesia coligada fora formada uma coalizão de pequenos burgueses e operários, o chamado partido *socialdemocrata*. A pequena burguesia percebeu que tinha sido mal recompensada depois das jornadas de junho de 1848, que seus interesses materiais corriam perigo e que as garantias democráticas que deviam assegurar a efetivação desses interesses estavam sendo questionadas pela contra-revolução. Em vista disto aliara-se aos operários (...). Quebrou-se o aspecto revolucionário das reivindicações sociais do proletariado e deu-se a elas uma feição democrática; despiu-se a forma puramente política das reivindicações democráticas da pequena burguesia e ressaltou-se seu aspecto socialista. Assim surgia a *socialdemocracia*. (...) O caráter peculiar da socialdemocracia resume-se no fato de exigir instituições democrático-republicanas como meio não de acabar com os dois extremos, o capital e o trabalho assalariado, mas de enfraquecer seu antagonismo e transformá-lo em harmonia. Por mais diferentes que sejam as medidas propostas para alcançar esse objetivo, por mais que sejam enfeitadas com concepções mais ou menos revolucionárias, o conteúdo permanece o mesmo. Esse conteúdo é a transformação da sociedade por um processo democrático, porém uma transformação dentro dos limites da pequena burguesia." (MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte, cit., v. 1, p. 226-227)

Marx alerta, ainda, que não devemos confundir a pequena burguesia com os “lojistas” (*shopkeepers*), pois boa parte deles está longe “como o céu da terra” dos pequenos comerciantes. Isso quer dizer que não devemos confundir a caracterização política da pequena burguesia e seu comportamento com o extrato de classe pequeno burgues (altos assalariados ou pequenos proprietários de pequenos negócios que são chamados de classes médias. Numa genial demonstração de que a classe não se define apenas por sua posição econômica no interior de uma divisão social do trabalho, Marx alega que o que torna certas pessoas “representantes da pequena burguesia é o fato de que sua mentalidade não ultrapassa os limites que esta não ultrapassa na vida” (idem, *ibidem*).

Por seu caráter de termo “médio”, nas palavras de Marx “uma classe de transição”, a pequena burguesia apresenta um projeto e uma atitude política que a identificam em qualquer época ou situação. Deixemos que Marx nos descreva este caráter:

"(...) o democrata, por representar a pequena burguesia, ou seja, uma classe de transição, na qual os interesses de duas classes perdem simultaneamente suas arestas, imagina estar acima dos antagonismos de classes em geral. Os democratas admitem que se defrontam com uma classe privilegiada, mas eles, com todo o resto da nação, constituem o *povo*. O que eles representam é o *direito do povo*; o que interessa a eles é o *interesse do povo*. Por isso, quando um conflito está iminente, não precisam analisar os interesses e as posições das diferentes classes. Não precisam pesar seus próprios recursos de maneira demasiadamente crítica. Têm apenas que dar o sinal e o *povo*, com todos os seus inexauríveis recursos, cairá sobre os *opressores*" (MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte, cit., v. 1, p. 229).

O essencial na caracterização das forças políticas que atuam em uma conjuntura é o desmascarar dos interesses de classe que estão por trás desta ou daquela manifestação política. O governo Lula e o PT se apresentam como se fossem setores da classe trabalhadora que pela correlação de forças são obrigados a uma composição de “centro-esquerda” que evita a hegemonia da direita, entendida como “neo-liberal” ou mesmo, exageradamente, “fascista”. Ora, o caráter de uma política não pode ser julgado pela origem de classe de seus atores, mas pela natureza dos interesses que representam. Nesse sentido, apesar da origem de classe de alguns mandatários ou representantes, a lógica política que se impõe é a da conciliação de classe, do interesse na “nação” acima dos particularismos de classe, da harmonização dos conflitos e, principalmente, na crença que o desenvolvimento da economia capitalista resolve as desigualdades sociais através do ciclo virtuoso da produção, emprego, consumo e que aos mais miseráveis o Estado contempla com políticas compensatórias. O horizonte desta formulação é pequeno-burguês.

Qual a base material de sustentação desta expressão política? As burocracias partidárias e sindicais, além dos espaços institucionais graças a este monopólio conquistados, seja na máquina do Estado Burguês, seja na institucionalidade da sociedade civil burguesa. Como a fonte de poder é o controle de espaços políticos de representação, inclusive no que tange ao controle dos Fundos de Pensão, trata-se de uma pequena burguesia “política”, querendo com isso indicar que seu poder deriva fundamentalmente do controle de espaços políticos de representação.

Não é, propriamente, uma “aristocracia operária”, tal como define Lênin. A aristocracia operária tinha como principal fonte de legitimidade os trabalhadores organizados e sua capacidade de pressão. A pequena burguesia política de certa forma se independentizou da classe e a controla por meio de aparatos que não dependem da capacidade de organização e ação concreta, pelo contrário, sua força vem, em grande medida, da passividade da classe que se submete a uma hegemonia passiva.

Sendo assim, parece-me que o conceito de “pequena burguesia política” pode ser uma ferramenta teórica e política útil às nossas formulações.

Mauro Iasi